

## AS GLÓRIAS DO PRESENTE E OS DESAFIOS DO FUTURO

**\* Roberto Rodrigues**

É bem fácil para qualquer brasileiro, do litoral ou das chapadas, da capital ou da cidadezinha do interior, reconhecer algumas das grandes contribuições das instituições de pesquisa agropecuária do Brasil ao bem estar de todos os brasileiros nos últimos 30 anos.

Elas estão aí, nas bancas das feiras, nas gôndolas dos supermercados, na fartura dos cereais, das carnes, das hortaliças, na abundância das frutas, das farinhas, do açúcar e dos óleos, das essências e dos néctares, e de todos os subprodutos feitos a partir de matérias-primas naturais.

Eles estão também nas grandes lojas e boutiques, na enorme variedade de bens que a indústria tira das fibras obtidas nas lavouras, nos criatórios e nas florestas, notadamente as madeiras, os fios têxteis, os couros, os produtos celulósicos e resinosos naturais. E há também os produtos energéticos, como o álcool e o biodiesel, em que repousam nossas esperanças de continuação da prosperidade que vivenciamos hoje.

Para que tudo isso seja hoje possível, é inegável a contribuição do conhecimento técnico gerado pelos pesquisadores agrícolas do Brasil. Mas, há outras contribuições, de caráter institucional e cultural, não tão visíveis como essas, que foram igualmente essenciais para que o Brasil pudesse se tornar um ator estratégico para a segurança alimentar mundial, como a compreensão de que cada laboratório deve ser parte do braço tecnológico do setor produtivo.

Não foi simples firmar este conceito, pois dependia não apenas do querer dos pesquisadores, mas, sobretudo de serem aceitos como tal pelos produtores. Os institutos de pesquisa agrícola o fizeram acontecer: aqui, fomentando a indústria de sementes com material genético superior; ali, avaliando as características de touros e matrizes para segurança dos produtores e das centrais de inseminação; ora treinando os técnicos das cooperativas; ora socorrendo a defesa sanitária e os produtores com antídotos contra pragas e doenças, enfim, sempre oferecendo, com presteza, a solução adequada para que o negócio agrícola tropical tivesse a qualidade e eficiência que o caracterizam.

Outra grande contribuição das organizações de pesquisa agropecuária foi mostrar ao povo brasileiro o valor do conhecimento e da informação como ferramentas de gestão de conflitos, de conciliação de interesses e de superação de iniquidades. Uma gigantesca mudança cultural. Hoje quase ninguém abre mão da tecnologia, mesmo que seja para cultivar um único pé de couve num vaso.

Se agora celebramos não termos mais o fantasma da dívida externa, é porque já há alguns anos os saldos da balança comercial agrícola financiaram a modernização da indústria, o que fez de nós também grandes exportadores de produtos manufaturados.

Não resolvemos todos os problemas, é certo, mesmo porque há novos conflitos, mas parte deles são derivados da riqueza, da abundância, do excesso. Há, em todo o mundo abundância na produção agrosilvopastoril, mas também uso corrente de insumos químicos, excesso na movimentação dos solos e nas emissões de carbono, e grande pressão sobre a base de recursos naturais. O fator escasso são os recursos naturais, cujo uso precisa ser otimizado.

Por isso, o Brasil e o mundo não têm escolha senão investir mais em mudanças tecnológicas para aprofundar sua transformação em verdadeiras economias do conhecimento.

Os caminhos estão traçados. Os nossos institutos de pesquisa agropecuária já estão implementando suas plataformas de pesquisas e redes de laboratórios para enfrentar os desafios de convivência e mitigação das alterações climáticas, da criação de novos produtos biotecnológicos e nanoestruturados, das várias rotas tecnológicas para a produção de agroenergia, do ordenamento e gestão dos territórios nos grandes biomas, do aproveitamento e agregação de valor da biodiversidade tropical, da sanidade agropecuária e segurança alimentar.

A dúvida é se o investimento do Brasil será suficiente para fazer face à competição. Recurso público é sempre um fator limitante. É preciso maior flexibilização do setor público para que o setor privado veja lucro em financiar a pesquisa. É preciso que Governo e empresas privadas apostem na internacionalização operacional não só da Embrapa, mas de todos os institutos de pesquisa, para que o Brasil ajude no desenvolvimento da África e da América Latina, criando novos mercados para seus produtos agrícolas e industriais. Como no passado, é preciso pensar grande e agir rápido.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**